

O Estágio Curricular Supervisionado no Curso de História da UFSM: envolvimento de estagiários e orientador*

*Sandra Agostini ***

Resumo

Este artigo apresenta o processo de organização e desenvolvimento de Estágios Curriculares realizado no Curso de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), entre os anos 2006 e 2007, visando a contribuir com sugestões, subsídios e parâmetros no processo de Formação de Professores. Como fontes de informação, utilizei o Projeto Político-Pedagógico (PPP) desse curso, questionários de perguntas abertas e grupos de discussão, junto aos alunos estagiários e entrevista estruturada junto ao professor orientador de estágios. Constatei que o Curso apresenta carga horária pouco superior à prevista pela legislação vigente para as atividades de Estágio Curricular. No geral, todos os alunos estagiários tiveram um bom relacionamento com o professor orientador de estágio, foram orientados para conseguirem sua vaga de estágio na escola, foram bem recebidos pelas escolas, consideraram sua formação inicial como um momento importante de aprendizagem. Porém, relataram que as escolas não os acompanharam no desenvolvimento do estágio, o que indica não haver ações interativas entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e as Escolas de Educação Básica (EEB) relativamente comprometidas na Formação Inicial de Professores.

Palavras-chave: Curso de licenciatura. Estágio curricular. Formação inicial de professores.

Considerações Iniciais

Este artigo é um recorte proveniente da Dissertação de Mestrado, intitulada: A organização e o desenvolvimento de Estágios Curriculares em Cursos de Licenciatura da UFSM: envolvimento de estagiários e orientadores. Traz a descrição e a discussão acerca da organização e desenvolvimento do Estágio Curricular em curso de Licenciatura.

Neste estudo, em especial, estarei enfocando apenas o Curso de História Licenciatura Plena e Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Para obter tais informações recorri ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) desse curso, a questionários de perguntas abertas e grupo de discussão junto aos alunos estagiários e entrevista estruturada com o professor orientador de estágios do referido curso, buscando nas formas de organização e desenvolvimento de Estágios Curriculares a partir de múltiplos olhares contribuir com sugestões, subsídios e parâmetros nos procedimentos de Formação Inicial de Professores.

Para estudar o processo de organização e desenvolvimento do Estágio Curricular em Curso de Licenciatura, considero importante relembrar que no Brasil o processo de formação de professores teve suas origens nos anos 30 do século XX, com a criação das Licenciaturas nas faculdades de Filosofia, visando ao preparo de docentes para a escola secundária. Essas Licenciaturas se constituíram sob a configuração “3+1”, a qual destina três anos para cursar as disciplinas que tratavam, em geral, de “conteúdos conceituais específicos” e um ano para as chamadas “disciplinas pedagógicas”. Como afirma Nagle, a configuração 3+1: é o esquema tradicional e por mais que se tente fazer alguma coisa diferente, não se conseguiu, ainda alterar esse esquema” (1985, p.162).

Perante essa configuração, percebo que desde o princípio o processo de formação inicial esteve voltado na capacitação do do-

mínio sobre os conteúdos conceituais de uma área de conhecimentos, deixando as especificidades da ação docente comprometida nesse modelo técnico de formação profissional.

O Estágio Curricular nos Cursos de formação de professores tem sido caracterizado como a fase “prática” para a aprendizagem de uma profissão. Sendo assim, esta concepção acerca do Estágio Curricular como apenas o momento da “prática” leva a uma descaracterização deste espaço de aprendizagem, sobretudo em oposição à parte “teórica”.

Nas considerações de Lima, “O estágio não é a hora da prática! É a hora de começar a pensar na condição de eterno aprendiz. É a hora de começar a vislumbrar a formação contínua como elemento de realimentação dessa reflexão” (2004, p.16). Na visão da autora, não se deve pensar o estágio como a “hora da prática”, pois esse raciocínio levaria a reforçar os problemas da dicotomia ainda existente entre a teoria e a prática, já que o estágio deve ser o momento de relação entre a teoria e a prática, ou seja, a relação da práxis em toda a sua plenitude.

Constata-se na literatura consultada que (PONTUSCHKA, 1991; REGO, 1992; KULCSAR, 1991; KENSKI, 1991 e FAZENDA, 1991), apontam os problemas da dicotomia entre a teoria e prática, salientando que a teoria é inseparável da prática, pois ela é uma ferramenta que possibilita a análise daquilo que se vive e se faz.

Nas atuais normativas legais para a formação de professores para atuar na Escola de Educação Básica (EEB), merece destaque nesse estudo as modificações advindas da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases – LDB – Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a qual apresenta novos roteiros para a formação de professores. Bem como a aprovação das Resoluções do Conselho Nacional de Educação CNE/CP n° 1 e n° 2, de fevereiro de 2002, que tratam das Diretrizes Nacionais para a Formação de Professores para a Educação Básica.

Na LDBEN - Lei 9.394/96 merece destaque os artigos 65 e 82. O primeiro determina que a carga horária para a formação docente é de no mínimo 300 (trezentas) horas. E o segundo destina ao sistema de ensino a criação de normas próprias para a realização de estágios.

Na Resolução do Conselho Nacional de Educação CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002, merece ênfase o Artigo 7º inciso IV que determina que a Instituição de Ensino Superior (IES) devem trabalhar conjuntamente com as Escolas de Educação Básica (EEB) no desenvolvimento da formação inicial dos futuros profissionais que nela atuarão.

No artigo 13, no que se refere ao Estágio Curricular, este se propõe a articular a teoria e a prática, a fim de superar os tradicionais problemas decorrentes desde a criação dos Cursos de Licenciatura no Brasil, no qual a prática era processada desvinculada da teoria, gerando os constantes problemas de dicotomia ainda existentes entre teoria e prática na formação de professores.

Considerando a relevância do Estágio Curricular na formação de professores, o artigo 13 em seu parágrafo 3, afirma sua obrigatoriedade, define como local de realização as Escolas de Educação Básica (EEB), lembra a co-responsabilidade entre os sistemas de ensino, estabelece que o estágio deve ter início desde o 1º ano do curso e que ambas as instituições devem participar no processo de avaliação do estagiário.

Por sua vez, a Resolução do Conselho Nacional de Educação CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002, estabeleceu o aumento considerável de 400 (quatrocentas) horas na carga horária destinada ao Estágio Curricular Supervisionado, visando a superar a separação entre a teoria e a prática e a desarticulação entre Universidade e Escola. Dessa maneira, os licenciandos estarão antecipando sua inserção na escola, seu contato com a realidade escolar e, sobretudo, com seu futuro campo de trabalho.

Nesta resolução, verifica-se, também, no parágrafo único, que os alunos que já estão exercendo atividades docentes poderão re-

duzir pela metade a carga horária destinada para o Estágio Curricular Supervisionado.

Como se pode perceber, frente às novas exigências legais, faz-se necessário uma interação entre a Instituição de Ensino Superior (IES) e a Escola de Educação Básica (EEB), visando a proporcionar uma formação de “melhor qualidade” aos estagiários futuros profissionais do ensino.

Breve Histórico acerca do Curso de História Licenciatura Plena e Bacharelado da UFSM

O Curso de História da Universidade Federal de Santa Maria foi criado pela Lei de número 3.958, em 13 de setembro de 1961, publicado no Diário Oficial da União (D.O.U.), de 22 de setembro do mesmo ano. A instalação do referido curso deu-se no ano de 1965, com a federalização do curso de História, até então mantido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Imaculada Conceição", agregada à UFSM.

No ano de 1975, deu-se o reconhecimento do curso nos termos do Parecer de nº 2.056/15 do Conselho Federal de Educação. Em 1978, o Curso de História passou a integrar o Centro de Ciências Sociais e Humanas. No entanto, em História e Geografia, a partir da Resolução nº 01/72, o ingresso era efetivado para o curso de Estudos Sociais e, em continuidade, a oportunidade para cursar licenciatura plena em História ou em Geografia.

No ano de 1985, o curso de História continua a integrar o Centro de Ciências Sociais e Humanas e passou a ter coordenação própria, habilitando o professor de história com oferecimento de trinta e cinco vagas anuais.

Em 1991, o Curso de História sofreu modificações em seu currículo, com o objetivo, segundo o Projeto de Curso/Currículo (fl.03, v.1, 1991), de eliminar os conteúdos e vínculos relativos a base dos Estudos Sociais e desenvolver novos temas que fossem específicos da História, como: História do Brasil e História da Amé-

rica Latina. Desta forma, o curso habilita para a Licenciatura Plena em História,

O Curso de História da UFSM, de acordo com as novas Diretrizes Curriculares para o Curso de História, Parecer CNE/CES 492/2001 e a Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002, que institui a duração e carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação básica de professores de Educação Básica em nível superior, bem como o Parecer nº CNE/CES 108/2003, aprovado em 7 de maio de 2003 referente à duração de cursos presenciais de bacharelado, resolveu mudar seu currículo, atendendo tanto a legislação quanto as exigências do mundo contemporâneo para a qualificação de um profissional em História que integralize, em um único currículo, a formação do bacharel e do licenciado. Nesta perspectiva, em 12/09/2003, foi aprovado pelo colegiado o funcionamento do Curso de História Licenciatura Plena e Bacharelado, com duração de 5 anos.

Desenvolvimento do Trabalho

Para compreender os procedimentos utilizados na organização e desenvolvimento de Estágios Curriculares no Curso de História da UFSM, defini para esse estudo como fonte de informações os sujeitos alunos estagiários e professor orientador de Estágios Curriculares e, ainda, utilizei como fontes documentais a legislação referente à Formação de Professores, em específico, as resoluções e os pareceres, e o Projeto Político-Pedagógico (PPP) do referido Curso, sendo que este último serviu de fonte para coleta das informações que foram submetidas à análise.

E, como instrumentos para coletar as informações junto aos sujeitos, utilizei os questionários de perguntas abertas e realizei o grupo de discussão com os alunos estagiários. Ainda realizei a entrevista estruturada individual com o professor orientador de estágios.

A opção por esse tipo de questão permite ao entrevistado responder ao questionário com mais liberdade, objetivando, assim, conseguir mais informações para a pesquisa. Como defende Pádua (1996, p.67): “As questões abertas por exigirem uma resposta pessoal, espontânea do informante, trazem dados importantes para

uma análise qualitativa, pois as alternativas de respostas não são todas previstas, como no caso das perguntas fechadas”.

O grupo de discussão que realizei foi inspirado na técnica do Grupo Focal que, para Matos e Vieira (2002), é uma técnica de entrevista em grupos, a qual se desenvolve por meio da interação entre o pesquisador e um número pequeno de pesquisados, visando coletar informações sobre um determinado tema, permitindo aprofundá-lo em função das várias opiniões relatadas.

A entrevista estruturada foi utilizada com o objetivo de aprofundar as discussões sobre o Estágio Curricular e, sobretudo, buscar informações complementares que os estagiários talvez não houvessem mencionado.

Nesta pesquisa, utilizou-se a integração entre análise qualitativa e quantitativa, pois ambas podem se complementar e, assim, possibilitar várias interpretações durante a análise dos dados. De acordo com Goldenberg (2003, p.62): “a integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter mais confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de uma situação particular”.

Para desenvolver esse estudo, primeiramente elaborei e utilizei os questionários de perguntas abertas os quais foram entregues a todos os alunos estagiários do referido curso, em duas modalidades: questionário inicial e questionário final e em dois momentos: fase inicial e fase final de Estágio Curricular.

No 1º semestre de 2006 foram entregues vinte e seis (26) questionários para estagiários em fase inicial de Estágio Curricular e recolhidos dez (10) questionários. Porém, neste semestre não foi possível entregar os questionários finais porque os alunos estagiários não se encontravam em fase final de estágio.

No 2º semestre de 2006, foram entregues onze (11) questionários para estagiários em fase final de estágio, estes foram recolhidos.

No 1º semestre de 2007 foram entregues vinte e dois (22) questionários aos alunos estagiários em fase inicial de estágio e recolhidos apenas três (03) questionários.

Devido ao baixo retorno do questionário inicial, ainda durante o 1º semestre de 2007, resolvi organizar e realizar o Grupo de Discussão. Num primeiro momento, elaborei um roteiro constituído por dez (10) questões, contemplando entre elas parte do questionário inicial e partes do questionário final. Também elaborei um Termo de Concordância para que fossem autorizadas a gravação e a filmagem da sessão e para a utilização das informações no desenvolvimento desta pesquisa. Neste Grupo de Discussão participaram apenas quatorze (14) alunos estagiários.

Para a análise das informações obtidas nos instrumentos utilizados, foram nos estudos realizados por Bardin (1977) que encontramos notável relevância sobre o uso da análise de conteúdo, seguimos algumas orientações para nortear nossa análise. Entendemos que a análise de conteúdo é mais que uma leitura *ipsis litteris* de qualquer enunciado, ela se caracteriza por uma análise do trabalho, visando à compreensão crítica do significado das comunicações.

Conforme o exposto, foram essas técnicas utilizadas na coleta e na análise das informações obtidas, pois elas pareceram mais adequadas ao tipo de estudo que realizei.

O Estágio Curricular Supervisionado no Curso de História da UFSM: ações/atividades/formas utilizadas pelo professor orientador

Após a coleta das informações junto aos documentos do curso investigado Projeto Político-Pedagógico (PPP) e também das narrativas do professor orientador de estágio sistematizei as informações obtidas, que serão apresentadas a seguir.

No Curso de História Licenciatura Plena e Bacharelado o Estágio Curricular está organizado em quatro disciplinas sequenciais (7º ao 10º semestres), sendo duas disciplinas entre o 7º e 8º semestres, ambas dedicadas a desenvolverem atividades em espaços educativos não-formais. E as duas outras nos 9º e 10º se-

mestres, dedicadas ao trabalho no Ensino Fundamental e Médio. Os objetivos propostos a serem desenvolvidos nas disciplinas de Estágio Curriculares são:

Proporcionar atividades para atualização de professores no ensino de História; Desenvolver atividades de ensino monitoradas em instituições não-formais de Ensino Fundamental e Médio em caráter voluntário;

A definição e execução da proposta pedagógica para o ensino da História no Ensino Fundamental e Médio. O relatório da prática de ensino de História.

A partir da breve caracterização do curso de História da UFSM, constatei que o curso apresenta carga horária pouco superior à prevista pela legislação vigente para as atividades de Estágio Curricular, estando, nesse ponto, em acordo com a Resolução CNE/CP 2/2002.

Notei, também, pela análise da Ementa do Projeto Político-Pedagógico (PPP), que o referido curso apresenta uma discordância com o que consta na Resolução CNE/CP 1/2002, em seu artigo 13, parágrafo 3, quando faz referência ao “campo de estágio”. Esse curso sugere como possíveis campos de estágio alguns espaços não-formais de ensino, o que não é previsto nessa normativa legal para a formação de professores.

Na fala do professor orientador de estágio encontrei o seguinte relato em relação aos encaminhamentos para o Estágio Curricular. Primeiramente, o professor orientador de estágio prepara os alunos estagiários a partir da disciplina de Didática. Posteriormente, entra em contato com as escolas, porém, possibilita aos alunos estagiários opções de escolha. No Estágio I e II as disciplinas são desenvolvidas no ensino informal, e no Estágio III e IV as atividades práticas são desenvolvidas dentro do sistema formal de ensino.

A respeito do processo de aceitação e recepção dos alunos estagiários pelas escolas, quem os recebeu e de que forma, nas in-

formações obtidas pude destacar que: no geral, os alunos estagiários foram bem recebidos pelas escolas e, normalmente, quem os recebeu foi a Coordenadora Pedagógica e a professora regente de turma.

No que se refere às orientações que os alunos estagiários costumam receber das escolas, segundo os relatórios dos estagiários, o professor percebeu que foram no sentido do cumprimento do conteúdo a ser ministrado, da disciplina em sala de aula, de preservar valores. Também percebeu que existem diferenças entre as escolas, enquanto umas somente cumprem o Programa de Ingresso ao Ensino Superior (PEIES), outras, que, na verdade, não são muitas, conseguem discutir com a comunidade na qual estão inseridas determinadas propostas.

Estágio Curricular Supervisionado: a trajetória vivenciada pelos Alunos Estagiários do Curso de História da UFSM

A experiência do Estágio Curricular no curso de História da UFSM, que será relatada aqui se baseia nas informações obtidas a partir da utilização do questionário e do grupo de discussão junto aos alunos estagiários inseridos neste curso.

Em relação à análise referente às informações obtidas junto aos alunos estagiários sobre as disciplinas que mais contribuíram para a realização do Estágio Curricular evidenciei que: para os dezesseis respondentes as disciplinas que mais contribuíram para a realização do Estágio Curricular, para oito respondentes, foram as disciplinas de “Conhecimento pedagógico de conteúdo”, para dois, as disciplinas de “Conhecimento pedagógico geral”, para cinco, as disciplinas de “Conhecimento de conteúdo específico”. Dentre essas disciplinas, causou-me estranheza que um respondente tenha se expressado que somente as disciplinas referentes à pesquisa contribuíram, pois, geralmente, a pesquisa é direcionada a formar Bacharel e não Licenciado.

No que se refere à maneira como ocorreu a orientação para os alunos estagiários conseguirem sua vaga na escola para a realização do Estágio Curricular, evidenciei que: dos dez respondentes, três não receberam orientação e seis foram orientados pelo professor orientador a procurar por escolas que aceitassem receber estagiários, levando uma carta de apresentação.

Quanto à forma como os alunos estagiários foram recebidos e como se relacionaram com as escolas para a realização do Estágio Curricular evidenciei que: no geral, os alunos estagiários foram muito bem recebidos pelas escolas e a relação foi muito boa.

Com relação à maneira como os alunos estagiários foram acompanhados pelas escolas para a realização do Estágio Curricular evidenciei que: dos dez respondentes, três foram acompanhados pelo professor regente, dois pela Coordenadora Pedagógica. Porém, cinco não foram acompanhados pela escola.

Na análise referente às informações obtidas junto aos alunos estagiários a respeito do seu relacionamento com o professor orientador para a realização do Estágio Curricular evidenciei que: os alunos estagiários, nos seus relacionamentos com o professor orientador, consideraram como aspectos positivos: a boa relação em sala de aula, orientação satisfatória, acompanhamento no estágio, o ensino sobre as teorias educacionais e as discussões e comentários sobre a prática pedagógica. E, como aspectos negativos: a ausência do professor orientador nas aulas do estágio e orientação muito genérica.

No que se refere às informações obtidas junto aos alunos estagiários a respeito da participação do professor regente: na elaboração de seus planejamentos, na condução das aulas, no enfrentamento dos desafios e/ou dificuldades e na avaliação do Estágio Curricular evidenciei que: dos onze respondentes, para a maioria (08), o professor regente não participou na elaboração de seus planejamentos.

Com relação à condução das aulas, para quatro respondentes, o professor regente não participou, para os demais (06), participou

algumas vezes, deu liberdade, apoio, auxiliou na manutenção da disciplina e na orientação sobre a turma.

No enfrentamento dos desafios e/ou dificuldades, para a maioria (09), o professor regente participou de algumas maneiras, tais como: orientação, conselhos, diálogo, apoio e auxiliando no controle do comportamento dos alunos.

Na avaliação do Estágio Curricular, para a maioria (08) dos respondentes, o professor regente emitiu um parecer positivo.

Em relação à análise referente às informações obtidas junto aos alunos estagiários a respeito da avaliação do Estágio Curricular que realizaram evidenciei que: os alunos estagiários consideraram o Estágio Curricular como um momento muito importante para a formação do professor, porque proporciona verificar a opção profissional.

A partir desta análise percebi que as disciplinas que mais contribuíram para a realização do Estágio Curricular, para a maioria (08) dos respondentes, foram as disciplinas de “Conhecimento pedagógico de conteúdo”.

A maioria (06) dos alunos estagiários recebeu orientação para procurar por escolas que aceitassem receber estagiários, bem como tiveram um bom relacionamento, orientação e acompanhamento na realização do estágio. No entanto, alguns se depararam com a ausência do professor orientador nas aulas do estágio e orientação muito genérica.

No geral, os alunos estagiários foram muito bem recebidos pelas escolas e a relação foi muito boa. Porém, os resultados mostram um dado preocupante quanto à falta de acompanhamento da escola aos alunos estagiários durante a realização do Estágio Curricular. Acredito que será desta supervisão/acompanhamento que dependerá o “sucesso” da formação inicial dos futuros professores. De acordo com Pacheco, “Neste meio caminho profissional, o estagiário vive de forma direta ou indireta, sob a influência dos supervisores orientadores, tendo em vista os aspectos úteis e imediatos que lhe garantam o sucesso acadêmico e profissional”

(PACHECO, 1995, p.47).

Neste sentido, sou levada a questionar: por que a escola quase não acompanha o processo de formação inicial dos futuros profissionais que nela atuarão? Por que não ocorre a co-responsabilidade entre os Sistemas de Ensino previstos nas normativas legais? Entendo que, assim, poderia ocorrer um trabalho mais sólido e consistente, possibilitando amenizar as lacunas na formação inicial do futuro professor.

Considerações Finais

Neste estudo procurei descrever e discutir o processo de organização e desenvolvimento de Estágios Curriculares a partir de um recorte não diretamente oficial, caracterizar os múltiplos olhares dos que se encontram envolvidos nas atividades referentes aos Estágios Curriculares, ou seja, os alunos estagiários e o professor orientador de estágios, de modo a estabelecer sugestões, subsídios e parâmetros que contribuam na Formação Inicial de Professores.

Com a promulgação da Resolução do Conselho Nacional de Educação CNE/CP 2/2002, pude perceber que o curso investigado procurou adequar-se às 400 horas de Estágio Curricular. Porém, sugere como possíveis campos de estágio alguns espaços diferentes do ambiente escolar, o que não é previsto nas normativas legais para formação de professores em relação ao Estágio Curricular formal.

A análise do curso mostrou que as disciplinas que mais contribuíram para a realização dos Estágios Curriculares foram aquelas relacionadas ao “Conhecimento pedagógico de conteúdo”.

No que se refere ao relacionamento do professor orientador com os alunos estagiários, percebi que há um bom relacionamento e desempenho por parte deste docente, porém, faltou mais frequência do professor orientador nas aulas do estágio e as orientações foram muito genéricas.

Pude perceber que os alunos estagiários, no geral, foram bem recebidos pelas escolas e a relação também foi boa. No entanto, nossa investigação mostrou que não há uma participação constante dos professores regentes de turma, assim como da escola aos estagiários durante a realização do Estágio Curricular. Dessa maneira, posso afirmar que a responsabilidade pela formação inicial do futuro professor está mais centrada na Instituição de Ensino Superior (IES).

Outra questão que também me chamou atenção se refere às orientações que as escolas costumam transmitir aos alunos estagiários, as quais dizem respeito ao compromisso com o cumprimento do conteúdo e a questão de manter o bom comportamento dos alunos em sala de aula. Enfim, percebe-se que eles não receberam uma orientação pedagógica das escolas, mas sim normativa.

Neste sentido, novamente, sou levada a questionar: qual é a função do Estágio Curricular? Cumprir normas, reproduzir conteúdos propostos e manter a disciplina?

Na minha concepção o Estágio Curricular é considerado como espaços de formação, aprendizagem, produção de conhecimento, pesquisa, o início da construção da identidade profissional e, sobretudo, o encontro entre experiência e conhecimento.

Nas informações levantadas, posso afirmar que o Estágio Curricular é considerado de extrema importância para a formação inicial de professores, além de proporcionar a inserção do aluno estagiário na realidade escolar. Parece também ter um papel decisivo no momento de verificar ou reafirmar a opção profissional.

Por fim, este estudo mostrou que não compete somente às Instituições de Ensino Superior procurarem se adaptarem às mudanças nas normativas legais, que estão norteando os cursos de Formação de Professores, mas sim encontrar meios que conduzam o Estágio Supervisionado para dimensões mais produtivas.

O Estágio Curricular Supervisionado no Curso de História da UFSM: envolvimento de estagiários e orientador - *Sandra Agostini*

Notas

Este artigo é parte da Dissertação de Mestrado defendida pela autora no dia 10 de junho de 2008, no Programa de Pós-Graduação - PPGE do Centro de Educação - CE da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Adolfo Terrazan, intitulada "A organização e o desenvolvimento de Estágios Curriculares em Cursos de Licenciatura da UFSM: envolvimento de estagiários e orientadores".

** *Graduada em História pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECÓ, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Professora da Rede Municipal de Ensino do Município de Chapecó/SC.

Referências

AGOSTINI, Sandra. **A Organização e o Desenvolvimento de Estágios Curriculares em Cursos de Licenciatura da UFSM:** Envolvimentos de Estagiários e Orientadores. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=110837>. Acesso em: 10 fev. 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução de Luís Antero Retoto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 – Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 17 abr. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 02, de 19 de fevereiro de 2002 - Institui a duração e a carga horária dos cursos de Licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.** Diário Oficial da União, Brasília, 04 mar. 2002, Seção 1, p.9, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>. Acesso em: 22 Abr. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 01, de 18 de fevereiro de 2002 – Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, cursos de Licenciatura, de graduação plena.** Diário Oficial da União, Brasília, 09 abr. 2002, Seção 1, p.31, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rp01_02.pdf> Acesso em: 22 abr. 2010.

FAZENDA, Ivani C. O papel do estágio nos cursos de formação de

professores. In: PICONEZ, S. (Coord.). **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. Campinas: Papyrus, 1991.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. A Vivência Escolar dos Estagiários. E a Prática de Pesquisa em Estágios Supervisionados. In: PICONEZ, Stela C. Bertholo (coord.). **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. São Paulo: Papyrus, 1991. (Coleção “Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico”).
KULCSAR, Rosa. O Estágio Supervisionado como Atividade Integradora. In: PICONEZ, Stela C. Bertholo (Coord.). **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. São Paulo: Papyrus, 1991. (Coleção “Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico”).

LIMA, Maria Socorro Lucena et al. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**. 4. ed. Rev. e Ampl. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. (Coleção magister).

MATOS, Kelma S. L.; VIEIRA, Sofia L. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. (Coleção Magister).

NAGLE, Jorge. As unidades universitárias e suas licenciaturas: educadores x pesquisadores. In: CATANI, Denice B.; MIRANDA, Herlícia T.; MENEZES, Luís C. de; FISCHMANN, Roseli (Orgs.). **Universidade, escola e formação de professores**. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PACHECO, José Augusto; FLORES, Maria Assunção. **Formação e Avaliação de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995. (Coleção “Escola e Saberes” 16).

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas: Papyrus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A Formação Inicial do Professor de Geografia. In: PICONEZ, Stela C. Bertholo (coord.). **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. São Paulo: Papirus, 1991. (Coleção “Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico”).

REGO, Marion Villas Boas Sá. **A Teoria na Prática é outra: Estágio Supervisionado nos Cursos de Formação de Professores**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de História Licenciatura Plena e Bacharelado**. Aprovado na Sessão 643ª do CEPE/UFSM em 13 de Março de 2004. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD/UFSM).

Abstract

This article presents the process of organization and development of Curricular performed at the Course of History of the Federal University of Santa Maria (UFSM) between the years 2006 and 2007, aiming to contribute suggestions, allowances and parameters in the process of Teacher Education. As sources of information, I used the Political-Pedagogical Project (PPP) of this course, questionnaires, open questions and discussion groups with students and trainees structured interview with the supervising teacher placements. I noticed that the workload Course presents little more than provided by law for the activities of Stage Curriculum. Overall, every student interns had a good relationship with the teacher training adviser, were told to get their job placement in school, were well received by schools considered their initial training as an important moment of learning. However, reported that schools have not followed them in the development stage, which indicates that there is no interactive actions between Higher Education Institutions (HEIs) and the Schools of Basic Education (BSE) on the compromised initial teacher education.

Keywords: Licentiate degree course. Curricular training. Initial teacher's formation.